

O cemitério pré-histórico “Pedra do Alexandre” em Carnaúba dos Dantas, RN (Brasil).

Gabriela MARTIN*

Resumo: O sítio Pedra do Alexandre está situado na bacia fluvial do Seridó, no Rio Grande do Norte. Forma um abrigo arenítico, utilizado como cemitério indígena durante longo período compreendido entre 9000 e 2000 anos BP. Suas paredes estão cobertas de pinturas rupestres da tradição Nordeste, sub-tradição Seridó, as quais, mesmo muito deterioradas, ainda permitem que se aprecie a riqueza temática que caracteriza essa sub-tradição. Nas escavações arqueológicas do abrigo rupestre da Pedra do Alexandre, exumaram-se restos de 27 enterramentos numa área que corresponde, aproximadamente, a um terço da superfície total do sítio. Este artigo apresenta os primeiros resultados dessas escavações.

Palavras-chave: Sepultamento indígena; Pré-história do Nordeste brasileiro ; Grafismos rupestres.

O sítio Pedra do Alexandre, em Carnaúba dos Dantas, região do Seridó potiguar, está formado por um abrigo arenítico em fase acelerada de decomposição, composto por silicatos e micaxisto, onde a rocha se desprende em forma de blocos planos ovais de diversos tamanhos. Em consequência, blocos grandes e médios caídos da rocha matriz, dificultam a escavação do abrigo, além de terem afundado parte do sedimento arqueológico. Contudo foi possível escavar-se um terço, aproximadamente, do abrigo na zona central, onde não houve queda de blocos, atingindo-se a base rochosa a uma profundidade de 1,80 metros da superfície. Numa fase posterior, iniciamos a retirada dos blocos para dar-se continuidade à escavação. Os dados que se apresentam neste artigo, correspondem aos resultados obtidos na primeira fase das escavações.

A microrregião do Seridó potiguar situa-se no semi-árido do Nordeste brasileiro, que se estende, em grande parte, por depressões interplanaálticas formando colinas entre maciços antigos. A vegetação apresenta-se arbustiva, com poucas áreas arbóreas; na paisagem dominam diversas variedades de cactáceas e vegetação caducifólia, adaptada ao clima quente e seco da região. Embora apresentando as características próprias do clima seco dos sertões nordestinos, o vale do rio Seridó e os seus afluentes, é considerado região de maiores recursos hídricos do que as áreas sertanejas limítrofes; é bacia leiteira e criadora de gado, mas sofre rápido processo de desertificação, com rios, antes perenes, cada vez menos caudalosos. Foram os

* Universidade Federal de Pernambuco - Bolsista do CNPq.

vales fechados e a antiga perenidade dos rios, que deram condições mais amenas de sobrevivência ao homem pré-histórico.

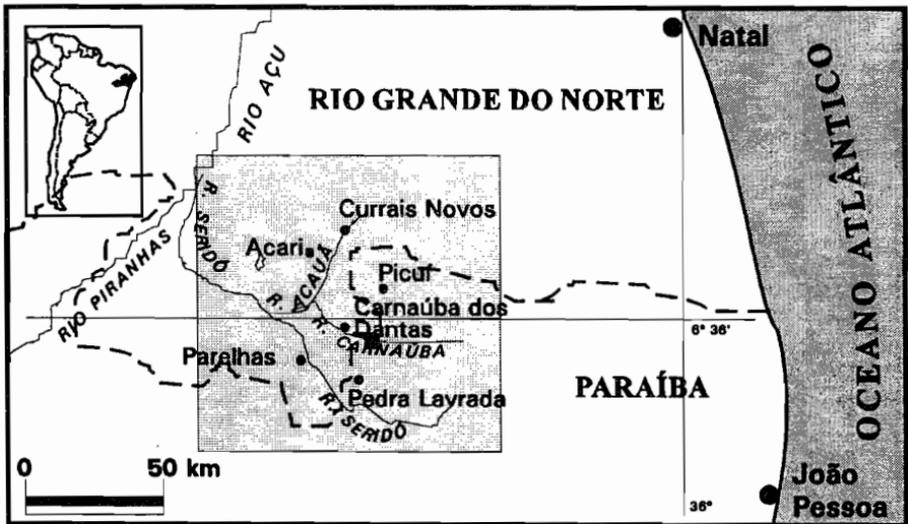


Figura 1. Área arqueológica do Seridó, Rio Grande do Norte.

■ Sítio Pedra do Alexandre

O abrigo do Alexandre, também conhecido como “Pedra do Chapéu”, encontra-se localizado em um pé de serra a 50 metros, aproximadamente, do riacho Ermo, tributário do Carnaúba, por sua vez afluente do rio Seridó, na bacia do Açu-Piranhas, que desemboca no Atlântico perto de Macau. Outros dois pequenos abrigos próximos formam o conjunto do Alexandre. O abrigo principal possui uma área escavável em torno de 200 metros quadrados sob um teto de quinze metros de altura e apresenta grandes blocos caídos em ambos lados do abrigo, indicadores do maior tamanho do sítio em épocas pretéritas. Um grande bloco despreendido na frente externa do sítio, serviu como barreira de retenção do sedimento, permitindo a acumulação do refugo num abrigo com grande erosão eólica. As grandes quedas de blocos prejudicaram a proteção natural do abrigo, que ficou exposto a grandes intemperismos eólicos e às enxurradas provocadas pelas chuvas. Por esses motivos, o lado direito do abrigo sofreu erosão acentuada que arrastou parte do sedimento arqueológico, prejudicando as estruturas dos enterramentos.

As datações radiocarbônicas obtidas indicam sua ocupação como cemitério desde 9400 anos antes do presente, que é a data mais antiga obtida até o momento. Uma ocupação final é assinalada pela presença de fogueiras

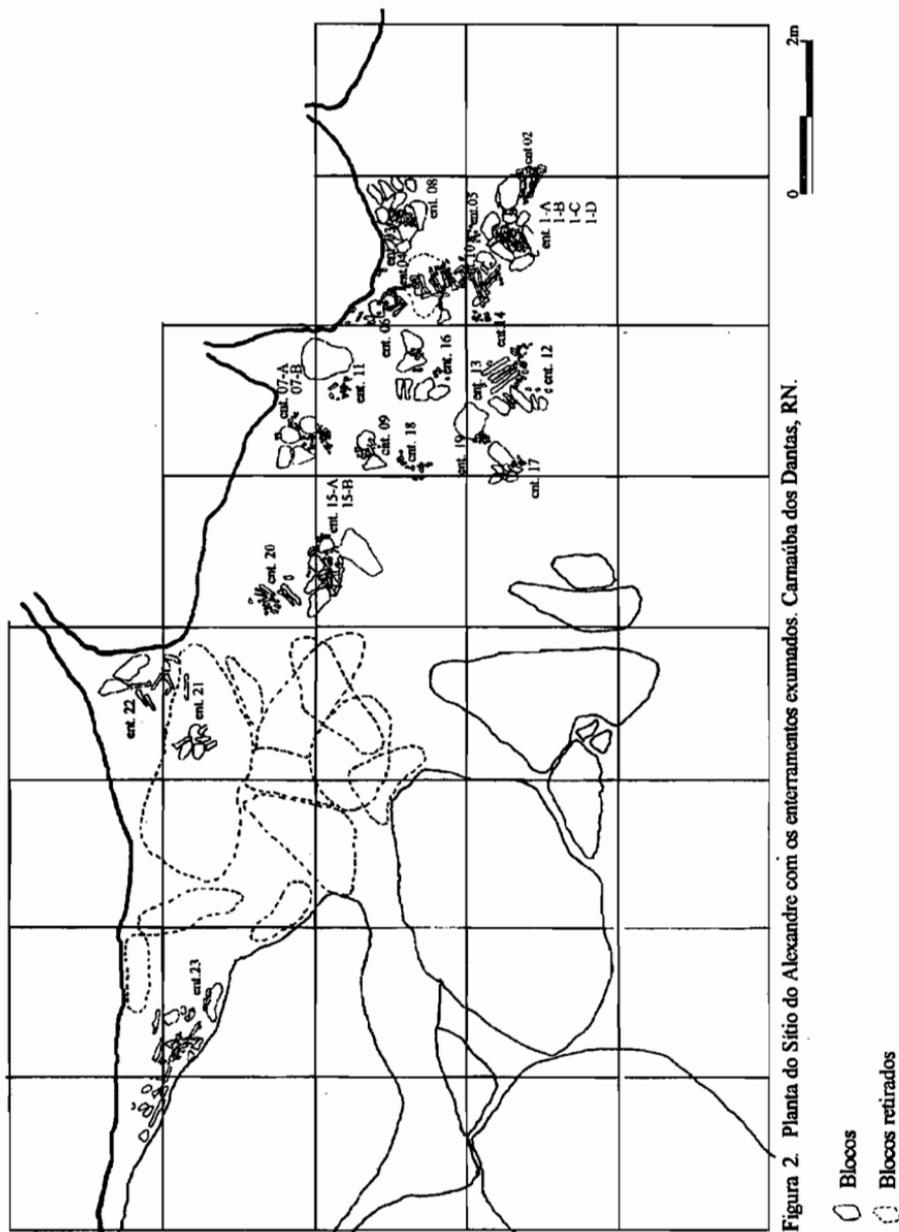


Figura 2. Planta do Sítio do Alexandre com os enterramentos exumados. Carnaúba dos Dantas, RN.

○ Blocos

○ Blocos retirados

reutilizadas, além de material lítico composto por lascas de quartzo e sílex, furadores e raspadores também de quartzo e um machado polido coletado na primeira camada de ocupação, datada em 2860 BP. Nas proximidades do sítio existe uma mina de feldspato e de quartzo branco. O sílex é comum nas redondezas, na forma de seixos, arrastados pelas águas do Carnaúba.

Vários dados dão especial importância ao cemitério do Alexandre. O primeiro são as datações muito antigas para alguns dos enterramentos; o mais antigo, de 9400 anos BP, corresponde ao enterramento secundário de uma criança de cinco anos. Essa data relaciona-se à obtida, em 1986, no abrigo Mirador, em Parelhas, localidade vizinha ao sítio do Alexandre, e que pertence igualmente à bacia do rio Seridó. Também nesse caso tratava-se de enterramentos infantis, datados de 9410±110 anos BP (CSIC-720), exumados nas primeiras sondagens efetuadas num abrigo sob-rocha com pinturas rupestres.

Outra datação de 8280 anos BP, obtida no carvão vegetal coletado na bacia do esqueleto, corresponde a uma mulher, cuja idade foi calculada entre 30 e 35 anos por Marília de Melo e Alvim.

Um enterramento secundário com restos ósseos de quatro indivíduos, foi datado em 4710 anos BP. Junto a estes restos, coletou-se o esqueleto de um adulto masculino, com enterramento primário e datado de 4.160 anos BP. Nos enterramentos mais recentes, as datas são de 2.890 a 2.620 anos BP.¹

Datações do Sítio Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas (RN), Carbono 14, anos BP

DATAS	ESTRATIGRAFIA
2620 ± 60 CSIC-1061	Sepultura nº 7 primária, 2 crianças
2890 ± 25 CSIC-966	Sepultura nº 9 secundária, 1 adulto masculino
2860 ± 25 CSIC-945	Nível da sepultura 9
4160 ± 70 CSIC-1054	Sepultura nº 2, primária, 1 adulto masculino
4710 ± 25 CSIC-943	Sepultura nº 1, secundária coletiva, 1 adulto, 2 crianças e 1 feto
5790 ± 60 CSIC-1060	Sepultura nº 6, secundária, 1 criança
6010 ± 60 CSIC-1052	Nível inferior da sepultura nº 1
8280 ± 30 CSIC-965	Sepultura nº 4, primária, 1 adulto feminino
9400 ± 35 CSIC-967	Sepultura nº 3, secundária, 1 criança
9400 ± 90 CSIC-1051	Nível da sepultura nº 3

CSIC. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Laboratorio de Física - Química Rocasolano, Madrid.

¹ O estudo osteobiográfico dos restos esqueléticos exumados no Sítio do Alexandre, está publicado neste mesmo número da Revista CLIO, da autoria de Marília de Melo e Alvim, Dorath Pinto Uchôa e Sérgio F. S. Monteiro da Silva

Os rituais funerários.

O abrigo foi utilizado como cemitério por longos períodos e nele realizados rituais funerários diversos com enterramentos primários e secundários, utilizando-se fogueiras rituais em alguns casos, que não chegaram a queimar os cadáveres. O mobiliário fúnebre que acompanhava os enterramentos do cemitério do Alexandre é pobre, consistente apenas em alguns adornos de osso na forma de pingentes, apitos e contas de colar, exumados nos esqueletos 1,2 e 15. Coletaram-se, também, contas de amazonita não relacionadas aos enterramentos. O enterramento nº 1, secundário e coletivo, continha restos de quatro indivíduos, sendo dois masculinos (24 e 11 anos) e duas crianças (um ano e um feto a termo). Os ossos foram pintados com pigmento vermelho (óxido de ferro) e arrumados numa cova forrada com lages de pedra. O enterramento nº 2, primário, pertencia a um adulto masculino de 18 anos, colocado em posição fletida e decúbito lateral; sobre o tórax foi colocada uma lage oval de micaxisto, retirada do próprio abrigo; em torno do pescoço levava um colar com pingentes de osso de cervídeo e um apito também de osso. Junto às lages desse enterramento, mas fora do

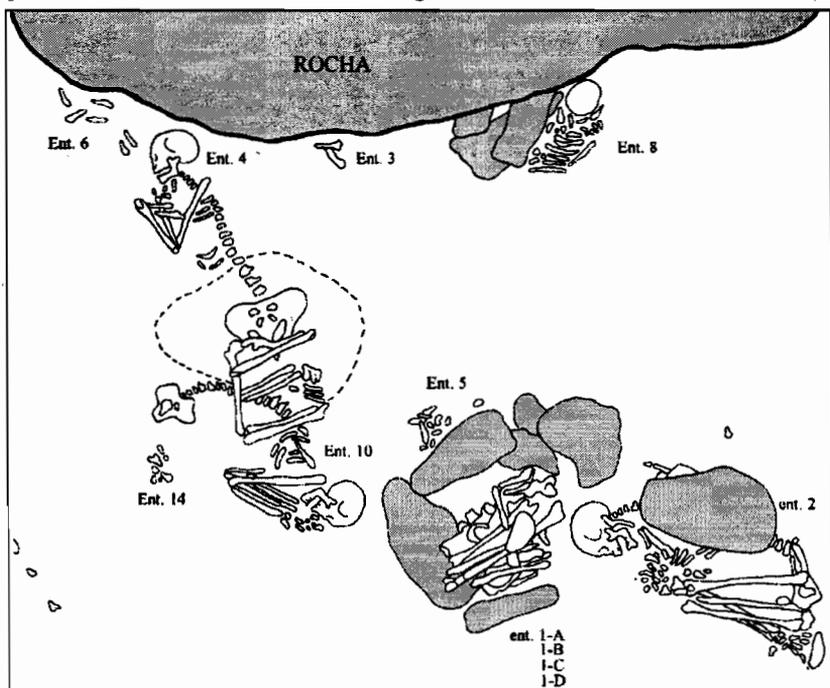


Figura 3. Detalhe dos enterramentos.

recinto fúnebre, foi também exumado o esqueleto de uma criança de poucos anos, cujos ossos foram pintados de vermelho e cobertos com pigmento também vermelho, finamente pilado ou peneirado. Pelo ritual e a sua posição na estratigrafia, calculamos que seja da mesma época do enterramento nº2. O ritual de cobrir os ossos de crianças de poucos meses ou anos com pigmento vermelho, repete-se em outros enterramentos do abrigo.

O corpo da mulher da sepultura nº 4, foi enterrado em decúbito dorsal com as pernas fletidas e colocadas sobre uma lage de arenito. Foi acesa uma fogueira ritual na bacia que não chegou a queimar o corpo. O carvão vegetal, procedente dessa fogueira, foi datado em 8280 anos BP. Por debaixo do enterramento 4, e depois de retirada a lage sobre o qual este se apoia-

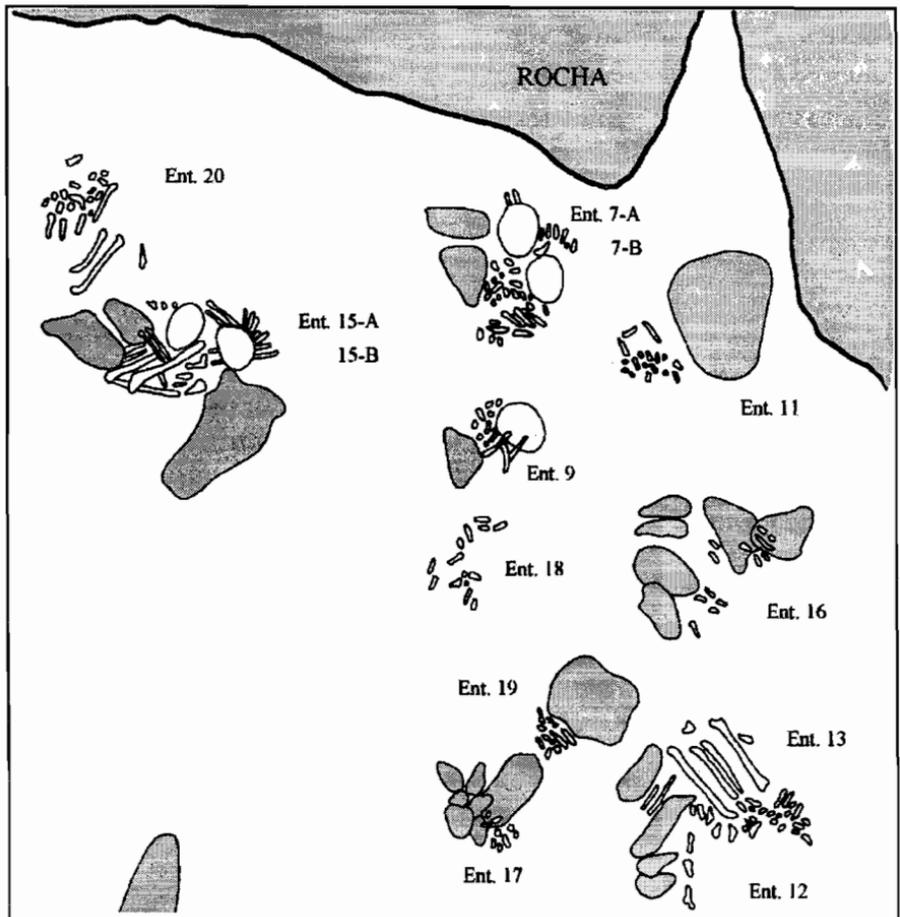


Figura 4. Detalhe dos enterramentos.

O cemitério pré-histórico “Pedra do Alexandre” em Carnaúba dos Dantas, RN (Brasil).

va, foi exumado outro esqueleto (enterramento n° 10, primário), ainda não datado, que se encontrava em posição fletida e decúbito lateral e que, pela posição que ocupava na estratigrafia, deve ser mais antigo que o n°4. No enterramento n°7, datado em 2620 anos BP, duas crianças entre quatro e seis anos foram enterradas juntas, em posição fletida e decúbito lateral não apresentando nenhum mobiliário fúnebre.

Dois esqueletos masculinos entre 20 e 22 anos (enterramento n° 15, secundário) foram colocados com os ossos longos arrumados e os crâneos por cima deles, protegidos por lages de pedra arenítica procedentes de uma canteira próxima. O mobiliário fúnebre consistia em pingentes, contas e um apito de osso.

Os enterramentos secundários, individuais ou coletivos, foram, geralmente, arrumados em covas forradas de lages naturais de arenito, procedentes de uma canteira próxima ou, também, com pedras planas e arredondadas de micaxisto, retiradas do próprio abrigo. O enterramento n°23, primário e muito deteriorado, exumado depois da retirada de blocos caídos do teto do abrigo, foi depositado, também, numa cova forrada com lages ovais de micaxisto. Pode ter sido acesa uma fogueira ritual durante o enterramento, da qual foi coletado carvão vegetal. Ossos de microfauna misturavam-se com os ossos humanos. Foi também coletado óxido de ferro (ocre) com marcas de uso, que pode ter sido usado na elaboração das pinturas rupestres.

As pinturas rupestres

O abrigo possui uma plataforma a dois metros de altura do solo, que percorre a maior parte do mesmo, a partir da qual foram executadas as pinturas rupestres. As pinturas atingem, desde sua base, dois metros de altura, aproximadamente, de forma que o topo dos painéis encontra-se a mais de quatro metros de altura do solo do abrigo. Os outros dois abrigos menores que formam o conjunto do Alexandre, apresentam também restos de grafismos rupestres.

As pinturas rupestres do Sítio do Alexandre pertencem à tradição Nordeste, horizonte rupestre que, aos poucos, vem sendo identificado em vários estados nordestinos (Piauí, Bahia, Sergipe, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte), mas que foi assinalado pela primeira vez, no SE do Piauí, na área arqueológica do Parque Nacional Serra da Capivara. As principais características desta tradição são a presença maioritária de grafismos reconhecidos, dispostos em composições gráficas que representam ações que podem ser identificadas tematicamente. Muitas dessas composições representam cenas da vida cotidiana e cerimonial, mas são certos grafismos e

composições que, representando mitos ou cenas cerimoniais, cujo significado nos escapa, identificam a tradição, quando repetidos em vários sítios de áreas arqueológicas distantes entre si. São os grafismos que chamamos “emblemáticos” e que são como logotipos da tradição Nordeste.

Para as sub-divisões utilizamos o termo sub-tradição, que define o grupo desvinculado de uma tradição e adaptado a um meio geográfico e ecológico diferentes, o que significa a presença de elementos novos nas representações. Assim, no caso da sub-tradição Seridó, a presença de grafismos representando pirogas, indicaria o uso da navegação fluvial, representação ausente em outras sub-tradições.

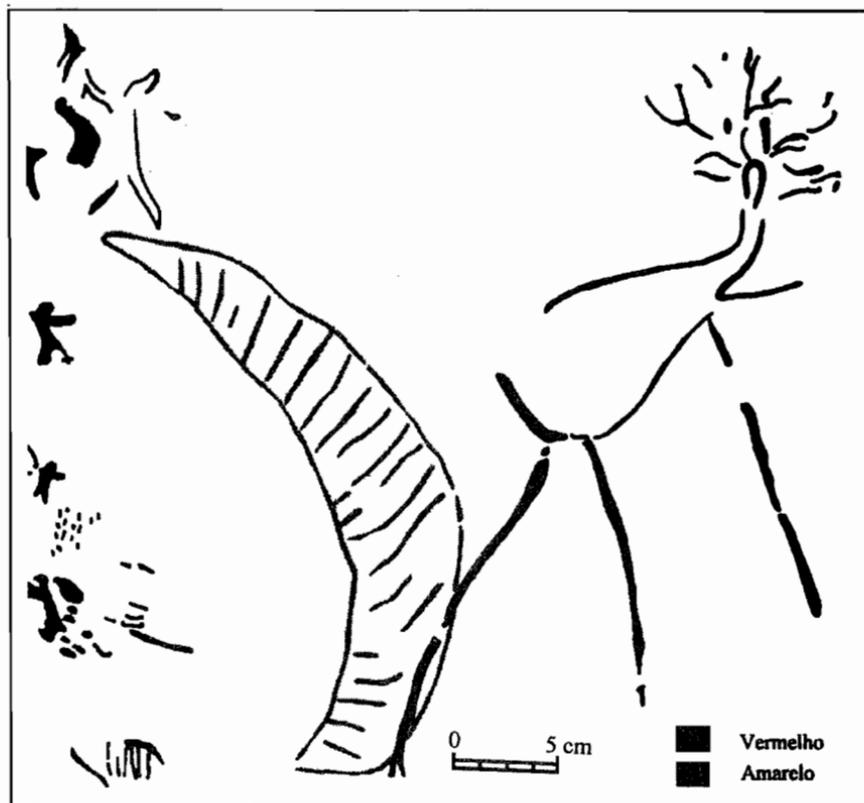


Figura 5. Detalhe do painel

Na região do Seridó riograndense identificamos a sub-tradição Seridó, dentro da tradição Nordeste, já descrita em outros trabalhos (G.

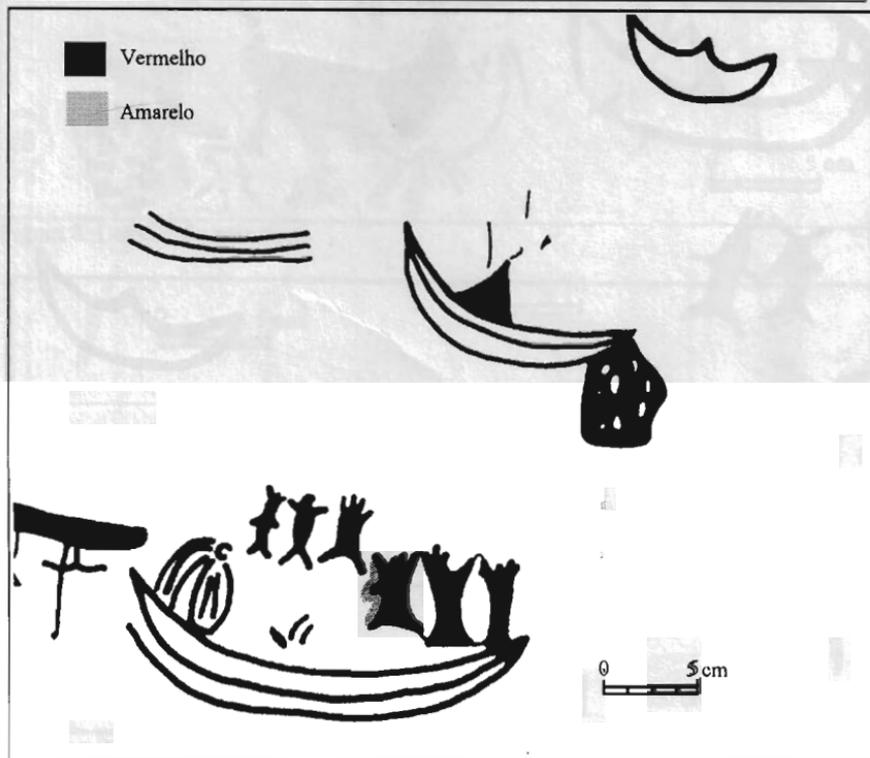
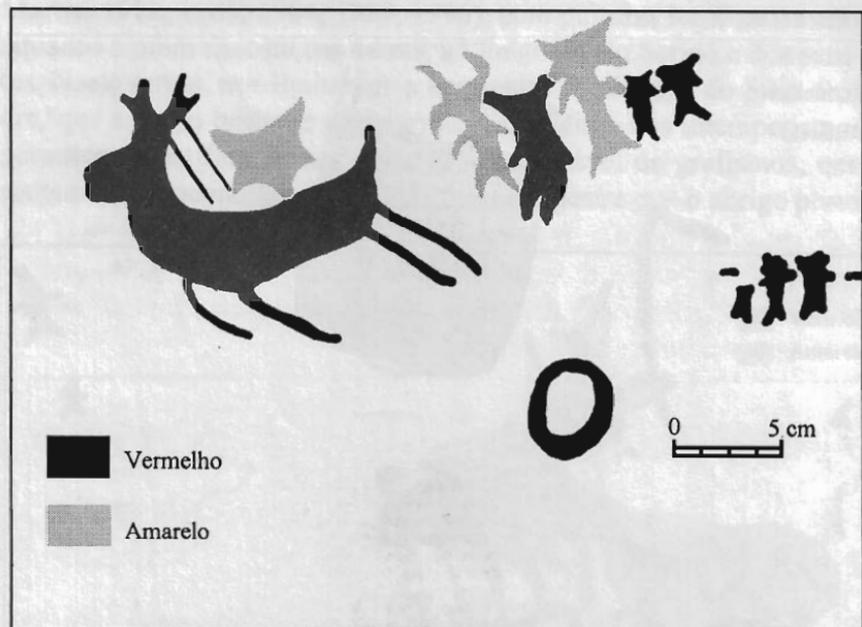


Figura 6. Detalhes do painel.



Figura 7. Detalhes do painel.

Martin, 1982, 1983, 1984, 1989, 1996), com pinturas localizadas em abrigos situados a meia encosta das serras, ao longo do rio Seridó e dos seus afluentes. Neste artigo, nos limitamos a apresentar as pinturas do Sítio do Alexandre, que mesmo bastante deterioradas por efeitos dos intemperismos, ainda permitem identificar-se um número considerável de grafismos, que representam um pequeno percentual da riqueza rupestre que o abrigo possuía.

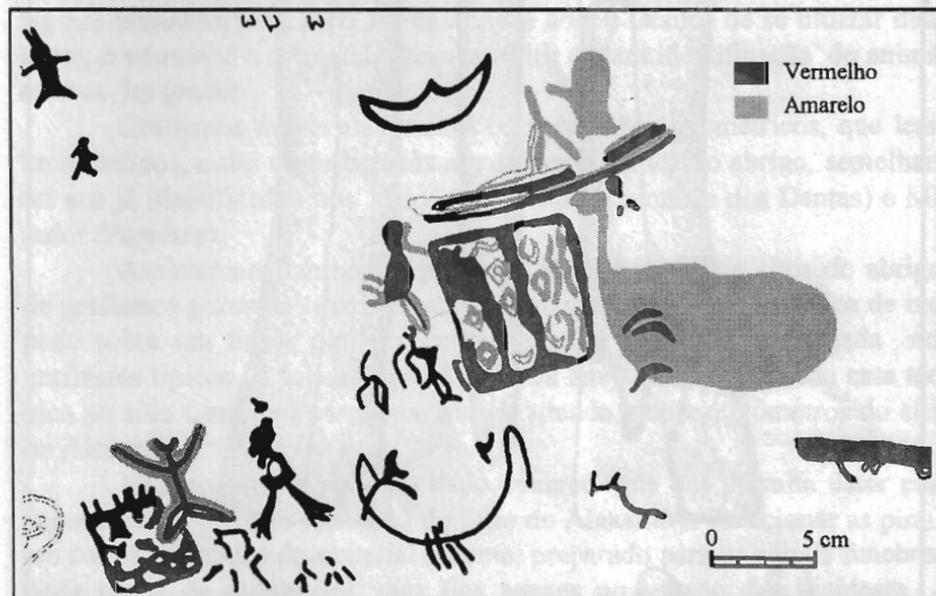


Figura 8. Detalhe do painel.

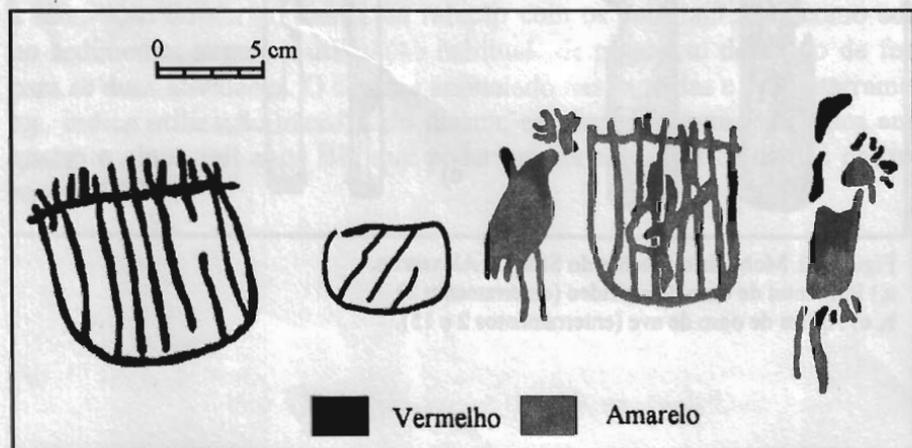


Figura 9. Detalhe do painel.

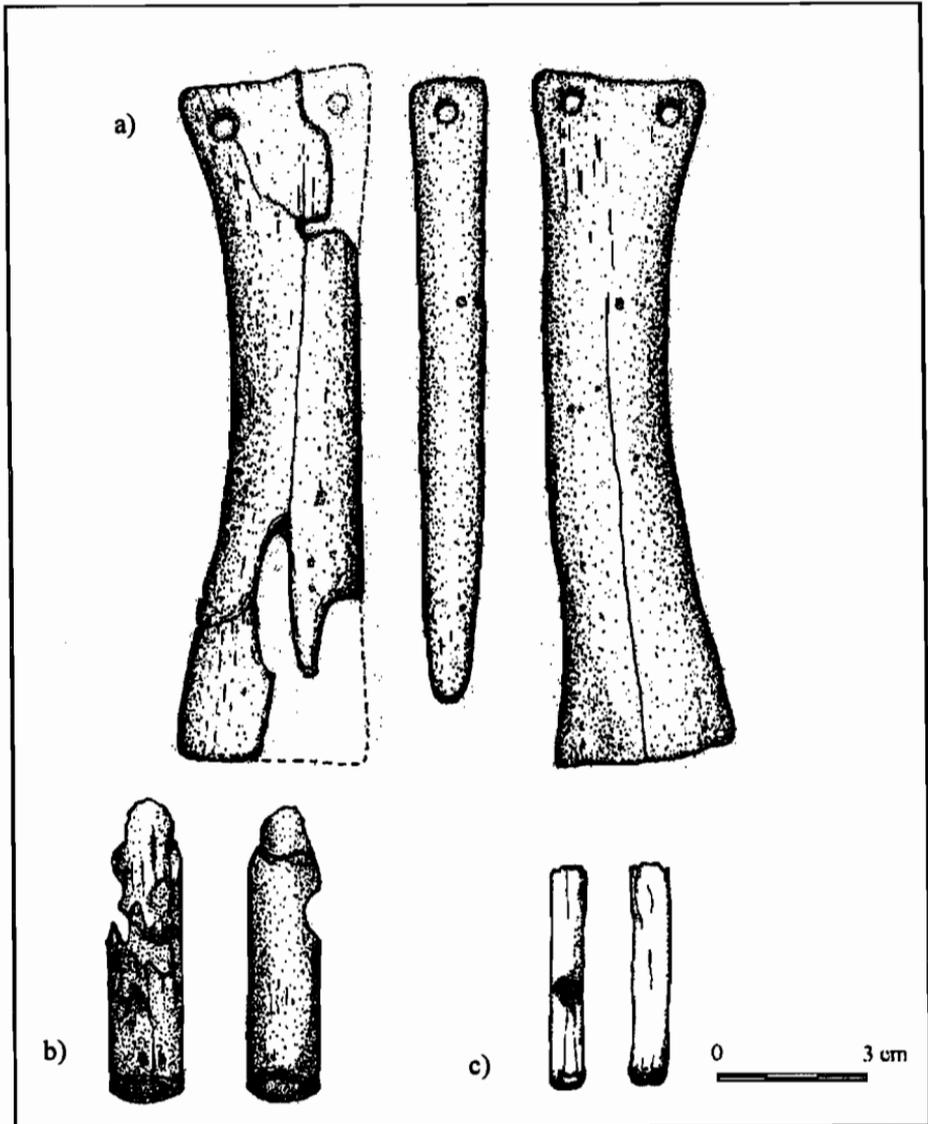


Figura 10. Mobiliário fúnebre do Sítio do Alexandre.

a.) Pingentes de osso de cervídeo (enterramento 2)

b, c) Apitos de osso de ave (enterramentos 2 e 15).

Esparlhados pelas paredes do abrigo, sem formar cenas unitárias, encontram-se porém, numerosos grafismos reconhecíveis. Entre eles, doze representações de pirogas, de tamanhos diversos, com e sem figuras humanas. Merece especial atenção uma piroga na qual estão representadas oito figuras humanas; uma delas, de maior tamanho e longo cocar, parece chefiar o grupo. Os veados são os animais representados em maior número. Há também um peixe, aves e, ao parecer, um macaco numa jaula levada por dois figuras humanas. Essa cena foi desenhada com a técnica de se utilizar duas cores, o vermelho e o amarelo, para permitir a clara identificação do animal através das grades.

Grafismos muito elaborados, com desenhos geométricos, que lembram tecidos, estão representados em diversos pontos do abrigo, semelhantes aos já identificados nos sítios Casa Santa (Carnaúba dos Dantas) e Mirador (Parelhas).

Assinalamos também a presença, nos pontos mais altos do abrigo, de grafismos puros de tamanho maior, desenhados com uma técnica de resgado sobre um fundo pintado, completamente distinta à empregada nos grafismos típicos da sub-tradição Seridó. Já havíamos identificado essa técnica no sítio Casa de Pedra, num abrigo situado a dois quilômetros do sítio do Alexandre.

Não possuímos nenhum dado concreto que nos permita datar com segurança as pinturas rupestres do Sítio do Alexandre. Relacionar as pinturas com a utilização do material corante, preparado para os rituais funebres, pode servir de referencial, mas fica apenas no terreno das hipóteses. A abundância de restos de ocre, localizado nas camadas arqueológicas durante a escavação do abrigo, tanto em relação com os enterramentos como solto no sedimento, sugere a utilização habitual de pigmento de óxido de ferro para as duas atividades. O corante assinalado nas camadas e nos enterramentos, indica utilização massiva do mesmo em períodos compreendidos entre quatro e cinco mil anos BP, que poderiam ser talvez as datas das pinturas rupestres.

Abstract

The prehistoric cemetery "Pedra do Alexandre" in Carnaúba dos Dantas, RN (Brasil)

The Pedra do Alexandre site is located in the fluvial basin of Seridó. It consists of a sandstone shelter, utilized as an indigenous burial ground for a long period comprised between 9000 and 2000 years BP. Its walls are covered with rock art of the Nordeste, tradition, and Seridó sub-tradition, which although they are very deteriorated, still permits the appreciation of the thematic richness characterizing this sub-tradition. In archaeological excavations in the rock shelter of Pedra do Alexandre, burial remains were exhumed in an area which corresponds approximately to one third of the site's total surface. This article presents the first results of these excavations.

Key-words: Indigenous burial; Brazilian North-East Prehistory; Rock Art Graphisms

Referências Bibliográficas

- AZEVEDO DANTAS, José. **Indícios de uma civilização antigüíssima** (Prefácio de Gabriela Martin ao manuscrito existente no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano). Ed. A União, João Pessoa, 1994.
- GUIDON, Niède. (1985). A arte pré-histórica da área arqueológica de São Raimundo Nonato. Síntese dez anos de pesquisa. **CLIO - Série Arqueológica**, n.2. Recife, UFPE, p. 03-80.
- _____. (1985). Métodos e técnicas para a análise da arte rupestre pré-histórica. **Caderno de Pesquisa**, 4. Série Antropológica III. Teresina, UFPI.
- MARTIN, Gabriela. (1982). Casa Santa : um abrigo com pinturas rupestres do estilo Seridó, no Rio Grande do Norte. **CLIO, Revista do Curso de Mestrado em História**, n. 5. Recife, UFPE, 55-78, il.
- _____. (1984). O estilo Seridó na arte rupestre do Rio Grande do Norte. **Arquivos do Museu de História Natural**, v.6-7, (1981-1982). Belo Horizonte, UFMG, Atas da I Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira-SAB. p.379-382, il.
- _____. (1985). Arte rupestre no Seridó (RN): o sítio Mirador do Boqueirão de Parelhas. **CLIO - Série Arqueológica**, n.2. Recife, UFPE, p.81-95, il.
- _____. (1988). Prehistória del nordeste de Brasil: estado actual de la investigación. **Anuario de Prehistória Levantina**, n.17. Valencia (Espanha), p.49-80, il.
- _____. (1989). A sub-tradição Seridó de pintura rupestre pré-histórica do Brasil. **CLIO - Série Arqueológica**, n.5. Recife, UFPE, p.19-26.
- _____. (1991). Novos dados sobre as pinturas rupestres do Seridó no Rio Grande do Norte. **CLIO - Série Arqueológica**, n. 4, extraordinário. Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro, (1987, Recife). UFPE, p. 141 - 147 .
- _____. (1993). Arte rupestre e registro arqueológico no Nordeste do Brasil. **CLIO - Série Arqueológica**, v.1, n.9. Recife, UFPE, p.45-56.
- _____. (1994). Registro rupestre e registro arqueológico do Nordeste do Brasil. **Revista de Arqueologia**, v.8, n.1, Anais da VII Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira-SAB. São Paulo, p.291-302.

- _____. (1996). Os sítios rupestres do Seridó, no Rio Grande do Norte (Brasil), no contexto do povoamento da América do Sul. Anais da Conferência Internacional sobre o Povoamento das Américas, São Raimundo Nonato, PI, Brasil(1993). **FUMDHAMENTOS - Revista da Fundação Museu do Homem Americano**, n.1, p. 339-346. Recife.
- PESSIS, Anne-Marie. (1984). Métodos de interpretação da arte rupestre. Análises preliminares por níveis. **CLIO - Série Arqueológica**, n. 1. Recife, UFPE.
- _____. (1991). Contexto e apresentação social dos registros visuais na antropologia pré-histórica. **CLIO - Série Arqueológica**, n. 4, extraordinário. Anais do I Simpósio de Pré-História do Nordeste brasileiro (Recife, 1987). Recife, UFPE, p. 141 - 147 .
- _____. (1992). Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do Nordeste do Brasil. **CLIO - Série de Arqueológica**, v. 1, n. 8. Recife, UFPE, p. 35 - 68.
- PESSIS, Anne-Marie.; GUIDON, Niède. (1992). Registros rupestres e caracterização das etnias pré-históricas. In: **Grafismo Indígena - Estudos de Antropologia Estética**. Studio Nobel, Ed. da USP. p. 19 - 33.
- TORRES, Ana Catarina; VILLARROEL, Hugo Sergio.(1994). O uso de raios-X na identificação de jazidas minerais. O sítio “Pedra do Alexandre”, RN. **CLIO - Série Arqueológica**, v.1, n. 10. Recife, UFPE, p 21- 46.
- TORRES, Ana Catarina. Estudo dos pigmentos do sítio pré-histórico Pedra do Alexandre - Carnaúba dos Dantas - RN. (1995). **CLIO - Série Arqueológica**, v.1, n. 11. Recife, UFPE, p.